

CINEMA DE FICÇÃO CIENTÍFICA E GUERRA FRIA

Igor Carastan Noboa*

A Segunda Guerra Mundial terminou, os Aliados saíram vitoriosos do conflito contra o Eixo, os dois grandes vitoriosos (Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) tentaram reorganizar o poder no âmbito global e entraram em conflito.

Esse embate entre EUA e URSS e seus respectivos blocos e áreas de influência ficou conhecido como Guerra Fria. Seus efeitos sobre as sociedades, a divisão do mundo em dois blocos antagônicos e o desenvolvimento tecnológico derivado da concorrência entre eles marcaram 45 anos do século XX (1945/1990). O período de maior tensão da Guerra Fria terminou em meados dos anos 60 (a “Crise dos Mísseis Cubanos”, em 1962, foi um marco) e, salvo raros casos, não existiu chance real de guerra com as temidas armas atômicas. Mas os efeitos das ideologias, da imaginação e dos desdobramentos da Guerra Fria continuaram assombrando as sociedades e as culturas que estavam mais ou menos inseridas naqueles blocos.

Com o objetivo de compreender o período mais tenso da Guerra Fria, procurei, nos filmes americanos do gênero ficção científica lançados entre 1947 e 1965, elementos que permitissem uma análise do estabelecimento do conflito, a relação entre tecnologia, ciência e sociedade, a percepção dos discursos e dos embates ideológicos da época, além da reinterpretação feita pelos filmes do seu tempo presente e as questões envolvidas no uso de armas nucleares em guerras com a destruição da “civilização”.

Por meio dos filmes americanos, pode-se perceber um processo de estabelecimento da Guerra Fria e de racionalização do conflito, que tem como grande exemplo a ratificação, por 113 países, em 1963, do Treaty Banning Nuclear Weapon Tests in The Atmosphere, in Outer Space And Under Water (conhecido como *Partial Test Ban Treaty*). Esse tratado proibia testes nucleares que não fossem subterrâneos, o que, de certa forma, selou o fim das grandes tensões ao reduzir a quantidade de radiação lançada no meio ambiente e desacelerou a corrida armamentista.

A escolha do gênero ficção científica, no cinema, deu-se pela percepção de que tais filmes apresentavam questões que surgiam ou ganhavam força nesses 18 anos da Guerra Fria. As características da ficção científica permitem ao historiador pensar sobre a forma como aquela sociedade discutiu as relações entre ciência e sociedade, futuro e presente, modos de ver o que era considerado positivo e desejável e o que era abominável. Outra questão, que às vezes passa despercebida, é a importância do gênero para reconhecimento e valorização da prática científica como atividade social. Não são raros os casos em que obras de ficção científica inspiraram teorias, tecnologias e cientistas, os quais se dedicaram às mais diversas áreas por terem simpatizado em algum momento de sua vida com alguma obra artística desse gênero.

A ficção científica foi trabalhada e desenvolvida no século XX por pessoas com diferentes relações com a ciência, desde escritores com pouco conhecimento científico até cientistas que, conscientemente, utilizavam suas obras para especular sobre os avanços dos mais diferentes campos, criando verdadeiros universos herméticos e verossímeis.

A definição de filme de ficção científica que utilizo foi formulada pela crítica da cultura Vivian Sobchack e contempla o contato entre a ciência e outras atividades humanas: a ficção científica é o

[...] gênero que enfatiza o método empírico e ciência (atual ou especulativa) interagindo em um contexto social com os menos enfatizados, mas também presentes, transcendentalismo da magia e religião, na tentativa de reconciliar o homem com o desconhecido.¹

No caso da Guerra Fria, boa parte dos referenciais de como a guerra estava sendo travada aparecem nas obras de ficção científica: salas de guerra, bases subterrâneas, mísseis, botão vermelho, satélites, formas de energia mais poderosa que a fissão ou fusão atômica, supercomputadores que substituem o ser humano na tomada de decisões, salas com computadores e luzes piscando. Como nessa guerra tudo era invisível e secreto, a imaginação sobre como as instituições estariam se comportando ou deveriam se comportar preencheu a falta de informações reais, sendo talvez o grande exemplo disso o fato de não ser um botão vermelho que dispara mísseis nucleares, mas sim chaves.

De certa forma, todos os sonhos e pesadelos do pós-guerra foram contemplados pela ficção científica do período: fragmentação social, guerras com bombas atômicas, colapso social e econômico, perda da humanidade, excesso de racionalismo, invasões alienígenas, fim da privacidade, militarismo, fim do mundo. Para o historiador, é uma documentação muito rica, não só nos filmes, mas também em outras manifestações artísticas, como a literatura e as histórias em quadrinhos.

Outro ponto interessante é o alcance dessas obras. No caso dos filmes, não só a sociedade americana teve acesso a eles. Os temas eram permeados de um apelo universal e

mesmo que se considerem questões de mercado, esse apelo está presente principalmente no tocante a uma possível guerra nuclear e suas implicações, além da discussão sobre a tecnologia e ciência.

Os cientistas, o medo e o fim da civilização

O ponto de partida para este trabalho é o processo de desenvolvimento de fissão nuclear fora do mundo da ficção científica, que, por diversos motivos, resultou na construção do primeiro reator nuclear, desenvolvido por Enrico Fermi em 1942; na primeira bomba atômica, o “*gadget*” do teste Trinity; e no primeiro uso em guerra da nova arma, o “*Little Boy*” em Hiroshima, que revelou ao mundo o poder destrutivo não só do átomo, mas também da ciência e dos cientistas.

O aparecimento dessa nova arma e suas implicações como instrumento de pressão pautou o desenvolvimento de toda a Guerra Fria, os grandes debates do pós-guerra e a própria forma como a partir de então a ciência foi vista – não mais uma forma positiva e ingênua. Ainda que nas artes do século XIX, já possam ser encontradas desconfianças – como o clássico exemplo do romance *Frankenstein* e toda a crítica à aplicação prática das ciências no desenvolvimento de armas que se encontra na ficção científica das últimas décadas do século XIX e do começo do século XX inclusive com armas atômicas sendo “previstas” no livro de 1914, *The World Set Free*, de H. G. Wells, que, segundo o jornalista e historiador Richard Rhodes, foi lido por Leó Szilárd,² grande nome da Física Nuclear e responsável pela carta que alertou o presidente Roosevelt da necessidade de os EUA desenvolverem a bomba atômica antes dos nazistas.

Do uso em páginas de romances e contos para o uso real da bomba atômica em guerra há uma grande diferença. A existência da bomba atômica alterou toda uma forma de se ver a atividade científica e a própria forma de a História da Ciência compreender a atividade científica, isso sem contar os efeitos políticos, econômicos e culturais que atravessaram fronteiras de Estados nacionais, grupos sociais e indivíduos. Se a violência da Segunda Guerra Mundial mostrou que civis eram combatentes mesmo estando em casa, o poder de destruição de uma guerra nuclear foi compreendido como o fim da civilização. Em poder de fogo, os bombardeios a Tóquio com bombas incendiárias mataram mais gente que a bomba atômica de urânio em Hiroshima, lembrando que o tema da radiação só surgiria em meados dos anos 50, quando o padrão de medo da guerra nuclear já tinha sido estabelecido. A grande novidade percebida na época foi a quantidade de mortos e o grau de destruição em pouco tempo, feito por uma “simples” bomba e um bombardeiro B-29 para colocá-la no alvo. O cogumelo atômico que surge quando bombas atômicas

explodem foi também uma imagem fortíssima e de grande apelo, mantido até os dias de hoje.

Foi feita a escolha de começar a abordar esse período histórico pela descoberta do poder atômico e pela participação dos cientistas fora do campo do conhecimento científico. Nas semanas seguintes a Hiroshima, um grupo de cientistas da Universidade de Chicago, que inicialmente havia trabalhado no desenvolvimento da bomba atômica, no Projeto Manhattan, começou a se articular numa tentativa de modelar a política oficial sobre os usos da energia atômica. Eles eram movidos pela percepção do poder que tinha sido liberado e das possibilidades de uso de suas descobertas presentes e futuras no fim da civilização e/ou extinção da humanidade. Esse movimento espalhou-se pelos meios científicos até entrar em declínio, em 1947.

Tal mobilização ficou conhecida como Movimento dos Cientistas, mas não era um grupo homogêneo, nem de campos da ciência (mesmo que os grandes nomes fossem oriundos da Física Nuclear), nem de concepções sobre a melhor forma de organização mundial. O que os unia, primeiramente, era a idéia do controle internacional das armas atômicas, o que, acreditavam, impediria o uso dessas armas em conflitos entre países. Um exemplo disso são cinco tópicos assinados por 515 cientistas de Harvard e MIT em 1945, que seriam a base de todos os discursos, livros e artigos posteriores:

- 1- *“Other Nations” would soon be able to produce atomic bombs* (“outras nações” em breve poderão produzir bombas atômicas).
- 2- *No effective defense was possible* (nenhuma defesa efetiva seria possível).
- 3- *Mere numerical superiority in atomic weaponry offered no security* (mera superioridade numérica de armas atômicas não oferece segurança).
- 4- *A future atomic war would destroy “a large fraction of civilization”* (uma futura guerra atômica iria destruir “uma larga fração da civilização”)
- 5- *Therefore, “International cooperation of an unprecedented kind is necessary for our survival”* (logo, “cooperação internacional sem precedentes é necessária para nossa sobrevivência”).

A estratégia dos cientistas era: apresentar palestras e escrever artigos em jornais e revistas, visando a atingir o máximo de público possível para que fosse feita uma pressão popular que conseguisse convencer o governo dos EUA sobre o controle internacional das armas atômicas, a fim de que elas não fossem mais produzidas, e que alguma forma de acordo com a URSS surgisse. Para alcançar esses objetivos e fomentar a discussão da população, eles procuraram assustá-la. O medo da destruição causada pelas armas atômicas e da morte iminente de uma forma tão terrível foi trabalhado pelos cientistas e apresentado ao público de forma direta, com o objetivo de impulsionar a ação através do temor.

O Movimento dos Cientistas fracassou porque os cientistas não conseguiram perceber que o controle da energia atômica era um processo e não um evento ou série de even-

tos. Se políticas de controle internacional das armas atômicas fossem adotadas ou leis aprovadas, isso seria apenas o começo de um amplo esforço provavelmente interminável, e poucos cientistas na época perceberam isso. Outro problema foi a falta de maturidade política para sofrer reveses e derrotas: não foi pensado um esforço mais paciente, visando a longa duração, o que fez com que quando Bernard Baruch modificou o plano Acheson-Lilienthal, que era defendido pelos cientistas, e apresentou, nas negociações da ONU, o Plano Baruch não surgissem outras idéias para serem levadas adiante. Somam-se a isso as especificidades do momento histórico, marcado por mudanças políticas: é nesse momento que figuras do governo, a elite política internacional, a mídia e o povo americano acabaram sucumbindo a uma ideologia anticomunista radical, que percebia o comunismo como uma conspiração internacional com centro em Moscou e que tinha por objetivo adominação mundial.

De todas as emoções trabalhadas pelos cientistas para que seus objetivos fossem atingidos o medo foi a mais interessante. A retórica do medo criou um solo fértil para a ideologia da superioridade nuclear americana e da “cruzada” contra o comunismo. Outros grupos sociais aproveitaram essa retórica: após 1947, o medo seria apresentado da mesma forma que foi pelos cientistas que procuravam o controle internacional das armas atômicas, só que dessa vez pelo Pentágono, pelas indústrias de armas e pela Casa Branca, para justificar e implementar políticas que visavam aumentar os arsenais de desenvolver novas armas mais eficazes.³

Dentre os cientistas que participaram desse movimento, destacam-se Einstein, Oppenheimer, Bohr e Edward Teller. O último, depois que as negociações da United Nations Atomic Energy Commission [UNAEC] falharam, perdeu qualquer interesse nos esforços políticos para controlar as armas atômicas, começou a suspeitar da União Soviética e foi um dos defensores do desenvolvimento da bomba de hidrogênio; logo depois, pôs-se a falar que qualquer tentativa de controlar as armas atômicas era perigosa e tornou-se favorável a um aumento no arsenal nuclear sem limites ou controle como parte da estratégia chamada *deterrence* (que, de forma simplificada, seria quanto mais armas menor chance de um ataque, pois a retaliação seria devastadora: o custo da ação seria muito alto em relação ao sucesso de uma investida militar).

Foram os cientistas que tentaram, de forma mais ou menos articulada, envolver-se diretamente com questões políticas mais diretas e colocaram-se com um papel social ativo, tentando moldar a sociedade com os valores de civilidade que supostamente fazem parte da comunidade científica. Por exemplo, um cientista americano conversaria de forma cordial e amistosa com seu colega russo ou chinês, e percebemos claramente que por trás das propostas dos físicos nucleares estava a crença nessa internacionalidade da ciência e

seus métodos, o que, atualmente, sabe-se, ao ler estudos de História da Ciência, não é tão simples assim.

Por esse ser um momento histórico de grandes transformações e mudança de paradigmas no conhecimento sobre a natureza, avanços tecnológicos diversos, alteração na forma de se fazer guerra, economia, o novo balanço do poder entre as nações e novas utopias, não é totalmente absurdo esperar que um grupo social importante não tenha se manifestado, já que foi o centro de boa parte das mudanças. Além de que muitos cientistas ainda tentavam entender as implicações de suas descobertas não só para a sociedade, mas também para a própria construção do conhecimento da Física.

A recuperação do Movimento dos Cientistas é fundamental para compreender os filmes de ficção científica desse período, que lidaram com o tema do medo do fim do mundo como fator principal para que fossem feitas mudanças político-sociais. Geralmente, essas obras fizeram uso das imagens e dos discursos dos próprios cientistas para criticar ou fortalecer instituições.

Escolha da documentação, temas e bibliografia

Os documentos desse conturbado contexto histórico escolhidos foram quatro filmes de ficção científica, três dos anos 50 e um dos anos 60, que compreendem esse período de maior tensão. O primeiro filme é *O Dia em que a Terra Parou* (*The Day the Earth Stood Still*), de 1951, dirigido por Robert Wise. Esse filme buscou, através da imaginação de eventos surpreendentes (a chegada de um disco voador ao planeta Terra), re apresentar a discussão de uma resolução pacífica e racional, ancorada no discurso do Movimento dos Cientistas, para os problemas enfrentados no conflito da Guerra Fria, principalmente a questão do uso e controle das armas atômicas. Em última instância, não importava como fossem resolvidas as divergências ideológicas entre os países, mas elas deveriam ser resolvidas urgentemente, senão o mundo seria destruído (no filme, pelos alienígenas, na realidade, por uma nova Guerra Mundial).

O segundo filme é *Vampiros de Almas* (*The Invasion of the Body Snatchers*), de Don Siegel, e lançado em 1956, que apresentou a solução para a perda da humanidade na valorização dos sentimentos ante o racionalismo extremo, a uniformização da sociedade e a valorização da resistência do indivíduo no que o diferenciava dos demais. Ele foi lançado dentro do período de consolidação do anticomunismo nos Estados Unidos, o que, por si só, criou na crítica uma leitura pré-definida da obra que não se sustenta historicamente. A América estaria sendo envenenada e transformada enquanto dormia na segurança da “suburbia”. Quem estava envenenando a América não era relatado no filme: podia ser tanto o comunismo quanto o macarthismo, a sociedade de consumo ou até mesmo a radiação,

como apontou Cyndy Hendershot, ao fazer uma análise à luz da psicanálise freudiana em seu livro *Paranoia, the Bomb and 1950s Science Fiction Films*.⁴

O terceiro filme, *A Bolha (The Blob)*, de 1958, dirigido por Irvin S. Yeaworth Jr, é ao mesmo tempo uma sátira aos filmes de ficção científica de monstro e da sociedade americana, apresentando um evento que vai, sem querer, reunir jovens e adultos na luta contra a ameaça alienígena. O papel do monstro em filmes de criatura, como *A Bolha*, é representar o “outro”: esse outro pode ser mais ou menos desenvolvido psicologicamente e com as mais diversas motivações exploradas pelos roteiros. O monstro pode apresentar os medos da classe média em suas relações sociais, as pressões de diversas ideologias, o medo da perda da humanidade, os conflitos entre gerações e a preocupação em justificar a existência e força de instituições. Nesse caso, não temos nada que indique as motivações do monstro, apenas sabemos que a criatura se alimenta de seres vivos (animais) e, ao fazer isso, cada vez fica maior e mais poderosa. O “outro” nesse filme é tudo que possa causar rupturas entre os pais e filhos, adultos e adolescentes: mesmo sem ter menção direta na trama, temos como representados na bolha a sociedade de consumo (consumo dirigido para jovens, do qual esse filme faz parte), a falta de esperança no futuro, a delinquência juvenil e uma nova guerra mundial.

O último filme, já de 1964 e feito à luz de 1962, é *Limite de Segurança (Fail-safe)*, de Sidney Lumet, onde temos as políticas da Guerra Fria já estabelecidas. Dois erros de computadores, um dos EUA e outro da URSS, levam à destruição de Nova York e Moscou. O filme procura mostrar como a tensão ocasionada pela Guerra Fria acaba por causar catástrofes que fogem do controle humano e, no final, são os humanos que devem encontrar a conciliação e aprender com seus erros. O que acontece no filme é um exemplo do que não deve acontecer fora da sala de cinema. Nessa obra, temos presente, mais de 15 anos depois, um diálogo com os cientistas do final da década de 40, com a discussão da aplicação da tecnologia como arma e a dependência da tecnologia para manter conflitos que devem ser resolvidos de forma racional. Esse filme é um documento de um período do final da fase mais tensa das relações entre EUA e URSS: ao mesmo tempo, consegue fazer um balanço da tensão da década anterior, da Crise dos Mísseis Cubanos de 1962 e aponta uma transição para um período de maior estabilidade nas relações entre as superpotências. Isso ocorre, principalmente, pelo modo como critica o anticomunismo (coloca a visão anticomunista em personagens problemáticos ou vilões), a política de contenção, o MAD (Mutual assured destruction) e busca uma compreensão do “outro”.

Essa busca por uma conciliação e uma resolução dos conflitos por meios que não a guerra não é exclusividade dos cientistas, uma outra prática social mais antiga até que a ciência também advogava uma solução para a Guerra Fria por métodos não-violentos:

a religião. Mesmo que preceitos religiosos possam estar pautando ou ter referências em idéias dos cientistas do Movimento dos Cientistas, como o Governo Mundial, a idéia que a ciência tem de si mesma nesse período, como atividade internacional, permite que fronteiras possam ser atravessadas, inclusive as religiosas: a proposta de reorganização do mundo parte da forma pela qual o trabalho científico é organizado. O assunto discutido pelos cientistas era de interesse de todos os seres humanos e falava, em última instância, da permanência da humanidade no planeta, apresentando provas irrefutáveis da destruição que viria a ser causada por uma guerra que tivesse armas atômicas.

A idéia que recorro nos meus estudos da ligação do discurso do movimento dos cientistas como um dos fatores para o sucesso do anticomunismo está presente no livro do historiador americano Paul Boyer, *By the Bomb's Early Light: American Thought and Culture at the Dawn of the Atomic Age*, e, especificamente, nos capítulos sobre os cientistas, o autor ilumina o Movimento dos Cientistas ao analisar o material produzido pelos membros e simpatizantes como livros, artigos e revistas, as quais geralmente não se têm acesso.⁵ Outros historiadores que tenho procurado lidam com a história dos EUA e internacional dos anos 50 e começo dos anos 60 do século XX, a história da Guerra Fria; além de críticos e teóricos sobre cinema em geral, cinema fantástico e ficção científica, psicologia e artigos e textos sobre cultura popular, bem como referências em outras obras cinematográficas e literárias que dialogam com a documentação que escolhi analisar, como, por exemplo, Carl G. Jung no seu livro sobre o fenômeno do disco voador,⁶ Kenneth D. Rose e seu estudo sobre abrigos nucleares na cultura americana,⁷ Tom Vanderbilt sobre estratégia, geografia, arquitetura da Guerra Fria nos EUA,⁸ Elaine Tyler May sobre famílias americanas na Guerra Fria⁹ e o trabalho do crítico Bill Warren ao coletar e comentar boa parte dos filmes lançados nos EUA (não necessariamente feitos nos EUA) de ficção científica dos anos 50 até 1962, em sua maioria inéditos no Brasil.¹⁰

Sobre o trabalho com ficção científica, sempre temos que ficar atentos à questão da verossimilhança do gênero, pautada pela subversão parcial dos códigos da vida diária da pessoa que recebe a obra: ao mesmo tempo em que algo deve ser fantástico, surpreendente e desconhecido, deve também possuir elementos familiares. E, no caso do cinema, isso será atrelado a tecnologias, técnicas e efeitos especiais que dependem muito do orçamento que o filme recebeu, da criatividade do diretor e de sua equipe, além do desenvolvimento tecnológico da época. A ficção científica em geral, nesse período, foi um gênero desenvolvido com baixo orçamento e por estúdios menores, mas isso não foi uma constante, pois temos diretores de prestígio na época (e hoje) como Robert Wise, Sidney Lumet e grandes estúdios trabalhando com o gênero ficção científica: o filme de Wise foi produzido pela 20th Century Fox e o de Lumet, distribuído pela Columbia Pictures.

As análises desses documentos podem proporcionar elementos para a percepção de que esse período é marcado pela multiplicidade de interpretações sobre o presente, passado e projetos de futuro, e não uma uniformidade quase “mitológica” que será construída dos chamados “Anos Dourados”. Mesmo que, atualmente, os “resquícios” desse período, como uma campanha “Duck and Cover” (abaixe e se cubra) ou um anúncio de abrigos nucleares, sejam risíveis para qualquer pessoa alfabetizada, eles carregam uma série de códigos que o historiador deve tentar compreender. Até para desmistificar uma suposta “ignorância” e “ingenuidade” do período, como o caso do programa de abrigos nucleares que, na realidade, nunca teve uma aceitação significativa por parte da população americana e mundial, sem contar a não percepção de alguns movimentos da Guerra Fria como parte de uma estratégia militar consciente com objetivos bem delimitados.

Notas

* Mestrando em História Social na FFLCH/USP. E-mail: quinntets@gmail.com

¹ SOBCHACK, Vivian. *Screening Space: The American Science Fiction Film*. 2 ed. Rutgers University Press, 1997, p. 63.

² RHODES, Richard. *The Making of the Atomic Bomb*. Nova York, Simon & Schuster, 1986.

³ BOYER, Paul. *By the Bomb's Early Light: American Thought and Culture at the Dawn of the Atomic Age*. Nova York, Pantheon, 1985. pp. 47-99

⁴ HENDERSHOT, Cyndy. *Paranoia, the Bomb, and 1950s Science Fiction Films*. Bowling Green, Bowling Green State University Press, 1999, pp. 39-50.

⁵ BOYER, op. cit.

⁶ JUNG, Carl Gustav. Um mito moderno sobre coisas vistas no céu. *Obras completas de C.G.Jung*, v. 10/4. Petrópolis, RJ, Vozes, 1991.

⁷ ROSE, Kenneth D. *One Nation Underground: The Fallout Shelter in American Culture*. Nova York, NYU Press, 2001.

⁸ VANDERBILT, Tom. *Survival City: Adventures Among the Ruins of the Atomic Era*. Nova York, Princeton Architectural Press, 2002.

⁹ MAY, Elaine Tyler. *Homeward Bound: American Families in the Cold War Era*. Basic Books, 1999.

¹⁰ WARREN, Bill. *Keep Watching the Skies!: American Science Fiction Movies of the Fifties*. McFarland & Company, 1997.